

EMBARQUE
DOS
APAIXONADOS
DOS FRANCEZES
PARA O HOSPITAL DO MUNDO,
OU
SEGUNDA PARTE
DA PROTECÇÃO
À FRANCEZA.

*Hoc fonte derivata clades
In patriam, populumque fluxit.*

Horac. Ode VI. aes Rom. L. III.

Desta fonte o mal correndo
Inundou a Patria, e Povo.

SE inda houver, o que não creio,
Maníacos desgraçados,
Que sejam apaixonados
Da aleivosia Franceza;
Tomemos a grande empreza
De lhes curar a loucura;
Porque dos Doidos a vêa
O que precisa he corrêa.

A

Con-

Conduzão-se logo, logo
 Ao grande Hospital do Mundo,
 Que assim que lá derem fundo
 Tomarão á França tédio;
 E se este prompto remedio
 Nada fizer á mania,
 Não se esteja com mais obras,
 Com elles, Ilhas das Cobras.

Onde está o Patriotismo,
 Honra de antigos Varões?
 São heroicas acções,
 Ser traidor, ser de má fê?
 Apoiando só quem he
 Usurpador, e Tyranno?
 Para curar estas falhas,
Récipe; chicote, e palhas.

Pergunta-se-lhes agora,
 Onde descobrem o bem
 De hum Governo, que só tem
 Crimes, e horror por virtude?
 Por mais que indague, e que estude
 Não o posso descobrir!
 Preguem com taes figurinhas
 Para dentro das cazinhas.

Hum

Hum Governo caviloso
 Com Generaes tão alarves,
 Que tinham dado os Algarves
 Ao víl Principe da Paz!
 Quem tem honra isto não faz
 Occultamente em Tratados;
 Se houve alguém, que isto approvou,
 Tenho dito; variou.

Quem a Pátria estima, e ama,
 Não a quer vêr dividida;
 Já estava repartida,
 E cheia de imposições;
 Se estas pérfidas traições
 A certos doidos agradão,
 A' pancada he que se cura
 Tudo aquillo, que he loucura.

Os Editaes do Junot
 Erão taes, quaes os dos touros,
 Merecia hum par d'estouros
 Pelas promessas que fez;
 Mas promessas de Francez,
 E contas de Frialeiras,
 De ordinario vem a dar
 Em descompôr, e cardar.

Armou pantomimas fortes
 Co' a pouca Tropa, que tinha,
 Mandava alguma; outra vinha
 Para fazer confusão;
 Mas já por fim, o papão
 Nenhum medo nos metia,
 Porque estava o laço armado
 Na Figueira, e Carregado.

Temos amaveis Sob'ranos,
 Muito amantes do seu Povo,
 Não se precisa Rei novo
 Com presença de espantelho;
 Mettão-no em algum baralho,
 Onde haja falta de Reis,
 Que talvez n'alguma tasca
 Dê hum sopapo na lasca.

Vinha o pôtro sem sarrilha
 A correr á redea solta,
 Porém tomáráo-lhe a volta,
 Ficou em meio caminho;
 Saltou-lhe o nosso visinho,
 Outros de longe o sostêrão,
 Agora anda dando trotes
 Rinchando sempre, aos pinotes.

Nós

Nós vimos nos nossos dias
 Huma Familia Real,
 Por não expôr Portugal,
 Eazer muitos sacrificios;
 E hão de estes beneficios
 Ter por paga ingratidões?
 Ah! que a Pátria por castigo,
 Punirá tanto inimigo.

A palavra dos Monarcas,
 Sempre se funda em verdade;
 Porque entrar em amizade,
 Depois fazer-se senhor
 De hum Reino, que a seu sabor
 Quanto pedia lhe dava;
 Chamava-se isto algum dia
 Desafôro, aleivosia.

De que pasmo he vêr, que todos,
 Fallão deste proceder,
 Que ficarão a gemer
 Pela oppressão dos tyrannos,
 E que a pezar destes damnos,
 Que a toda a gente chegarão,
 Bandalhos apparecessem,
 Que acompanhá-los quizessem!

Mas

Mas em parte foi fortuna,
 Ficou mais limpa a Cidade,
 E áquella grande amizade
 O Napoleão será grato;
 Ha de lhes dar para prato,
 Ha de lhes pagar as casas,
 Mantendo-os, com preferencia,
 Para Espiões da Intendencia.

Inda mal, que ficarião
 Alguns por cá, da reserva;
 Mas desgraçada caterva
 Se na cegueira presiste!
 Não he desastre bem triste
 Vêr entre nós estes loucos?
 Fallo delles, mas duvido
 Que appareça hum tal partido.

São diversas as doidices
 Desta gente enthusiasmada,
 Não querem vêr socegada,
 Nem brilhante a Capital;
 Só gostão de fazer mal,
 Dos seus nacionaes contrarios:
 Com tratantes deste lote
 He caridade hum garrote.

Agra-

Agrada mais tirar vidas,
 Vêr incendios, roubos, guerra,
 Grandes Cidades por terra,
 Vêr esposas sem maridos,
 Filhos prezos, ou fugidos,
 Puras Vestaes insultadas,
 Todos sem ordem clamando,
 Nas mãos da fome estallando?

Agradão Proclamações
 Cheias de velhacaria,
 Que tomão de dia em dia
 A posse dos bens alheios,
 Até esgotando os meios
 De se ganhar o sustento?
 Póde isto ao homem sensato
 Em algum tempo ser grato?

Inverter do Mundo a ordem,
 Pôr os Póvos a brigar,
 Para ninguem trabalhar
 Nos officios, que aprendeo!
 Em que historia appareceo
 Inda, hum homem tão cruel?
 Que merece este traidor?
 Cancros, tísica, estupor.

Religião offendida,
 Sacros Templos profanados,
 Protestando estes malvados,
 Que vivião na Lei nossa;
 Quem haverá, que ouvir possa
 Vís, que por tudo roubarem,
 Roubarão a Deos Clemente
 O Nome de *Onnipotente*?

Abrazar nobres Cidades,
 Queimando-lhes gente viva;
 Com tyrannia excessiva
 Nos Hospitaes matar tudo,
 Sem nada servir de escudo
 Ao tyrannico furor,
 Tão infame proceder,
 Faz de horror, estremecer!

Em que offendem nossa especie,
 Debeis, tímidas crianças,
 Para soffrerem vinganças
 D'homens derramados, pérros,
 Que lhes cravão duros férros
 Nos corpinhos innocentes?
 Ah! que tão ímpia fereza
 Faz injuria á Natureza.

Acaso os corpos Francezes
 Outra máquina terão?
 Não haverá coração
 Em taes peitos insensíveis?
 Farão culpas tão horriveis
 Sem o pêzo dos remorsos?
 Ai de nós! que isto nos prova
 Que ha no Mundo especie nova!

Se das frias sepulturas
 Os nossos bons Reis surgissem,
 E taes crueldades vissem,
 Que offendem a Deos, e o Mundo;
 Talvez, que em somno profundo
 Outra vez se desejassem;
 Porque nas passadas Eras
 Não se vião destas Féras.

O Ceo nos tire do Mundo
 O Senhor Napoleão,
 E com elle seu Irmão,
 Chamado o Senhor José,
 E a mais cambada sem fé
 D'esta familia maldita;
 Porque se não perde nada
 Em semelhante jornada.

Este Heróe, por tabelilha
 Veio a ser Imperador;
 Depois no Mundo quiz pôr
 Escolla de matar gente;
 E como he mestre eminente,
 Deixem que elle entre no Inferno,
 Que lá mesmo há de dár cabo
 Da quadrilha do Diabo.

Talvez que elle por ser triste,
 (Não por imitar Tyrannos)
 Queira matar os humanos
 Achando nisso hum recreio;
 Como via o Mundo cheio,
 E gosta da solidão,
 Em fazendo tudo em pó
 Fica bem, que fica só.

Senhores apaixonados,
 (Se existem) mudem de tom;
 Não lhes auguro fim bom,
 Se teimão na mesma asneira;
 Porque o barco da carreira
 Vai mettendo no Hospital
 Todos os máos Portuguezes,
 Partidistas dos Franccezes.

Porém o melhor de tudo,
 He lá no seu coração
 Consultarem a razão,
 Imitando antepassados,
 Por virtudes exaltados
 Nos annaes do Mundo inteiro:
 Se a terra o corpo consome,
 Ao menos nos fique o nome.

Os Francezes que se escondem,
 Os seus infames sectarios,
 E de tal corja outros varios,
 Por malucos de cabeça,
 Devem ir nesta remessa
 Povoar a enfermaria;
 Que ou são doidos confirmados,
 Ou do Demonio vexados.

Pela voz da vaga Fama
 De apaixonados fallei;
 Nem os conheço, nem sei,
 Que os possa haver com certeza:
 Sei que a Nação Portugueza
 Ama a Deos, respeita o Throno,
 Tendo por heroicidade
 Honra, Amor, Fidelidade.

D E C I M A.

ENtre os titres Generaes
 Entrou hum de genio altivo,
 Que ou era o Diabo vivo,
 Ou tinha os mesmos sinaes:
 Aos alheios cabedaes,
 Lançava-se como setta;
 Namorava branca, e preta,
 Toda a idade lhe convinha,
 Comsigo tres = *Emes* = tinha,
 Manhozo, Mão, e Manêta.

D E C I M A.

VI com olhos magoados,
 Nestas Francezas bizarmas,
 De Camões hum verso: *As Armas,*
E os Varões assinalados:
 De França vinhão marcados;
 Dois delles erão manêtas,
 Era calvo o das Gazêtas,
 De Laborde enfermo, e pisco,
 O Junot trazia hum risco,
 Faltou vir hum com molêtas.

S O N E T O.

T Arará... tarará... Temos trombetas?
 Tum... tererum... tum... tum... ouço tambores!
 Que chusma acolá vem de grãos Senhores!
 Parecem-me Andarilhos de jaquêtas:

Vem fazendo a cavallo mil carêtas,
 Mas de asseio nos ultimos primores!
 Levão diante vinte batedores,
 Para o Povo assestando as escopêtas:

Arreda, que he Junct co' a Governança;
 Ninguém tira o chapeo? Povo insolente!
 Senhor Duque metteião-no na dança.

Trata-o já de *Falpêrra*, a mais da gente,
 Quer hum conselho meu? vá para França,
 No escritorio do Pai, ser Escrevente.

Despedindo-se de Laborde de seu Tio, Administrador das cazas do jogo da Rolêta.

S O N E T O.

De Lab. **A** Deos amado Tio, eu vou-me embora,
Napoleão foi causa desta pêta,
Hia ficando cá mais o Manêta,
Daqui o que pertendo he vêr-me fóra:

Hum só favor lhe pesso, por agora,
Eu sei, que tem dinheiro, e que he forrêta,
Que dos ganhos do jogo da Rolêta
Me dê alguma cousa, sem demora:

Tio. De Laborde, teu Tio não julgava
O vêr-te nesse estado, e muito sente
Não fazer o que tanto desejava:

No tal jogo roubou a muita gente,
Mas que importa! se tudo lhe levava
Esse calvo usurario, esse Intendente!

S O N E T O.

S Enhor Napoleão , que historia he esta !
Se arrotado nos tem tanta façanha ,
Porque não cola o Mano , em Rei d'Hespanha ?
Se não fica citado para besta :

Não se ponha a dormir agora a sésta ,
Nem o prenda qualquer teia d'aranha ;
Hum homem , que he astuto , e que tem manha ,
Deve acabar aquillo que lhe resta :

Mas olhe , não se metta n'outra vôda ,
Que lhe podem saltar no galinheiro ;
Porque o Mundo he já outro , e não se engoda ;

Ponha o Mano a aprender a Espingardeiro ,
Póde-lhe fornecer a Tropa toda ,
Fica arrumado , e ajunta algum dinheiro.

*Nesta carreira dos tôlos ,
Tudo que vai he Francez ;
Agora os Apaixonados
Hão de embarcar d'outra vez.*

G L O S A

I.

A Passaróla Franceza
Fez o seu ninho em Lisboa ,
A paragem não foi boa ,
Porque hia ficando preza :
Com o susto da surpresa
Enfraqueceo dos miólos ;
Fez seiscentos torcicólos ,
Quando estava de partida ;
Té que entrou de aza cahida
Nesta carreira dos tôlos.

II.

Estava muito contente,
 E de seu dono estimada;
 Vivia desafogada
 Na varanda do Intendente:
 Mas abalou de repente,
 E o dono que era má rez;
 Dizem, que elle agora fez
 Lá nos Quintos hum Governo,
 Porque á conquista do Inferno,
Tudo que vai he Francez.

III.

Se isto se verificar,
 Fica o Diabo sem tóca,
 Que elles lhe armarão a móca
 Para o Reino lhe tirar:
 Ha de haver cargos que dar,
 De muito bons ordenados;
 A' pressa serão chamados
 Muitos, que affeição lhes tem;
 A ser certo, ficão bem
Agora os apaixonados.

IV.

Leva o barco tanta gente,
Que não póde levar mais,
E inda lhe fica no Cáes,
Para dez vezes, enchente;
He canalha impertinente;
Bem fez o Arraes, no que fez;
Foi-os pondo a tres, e tres,
Fez-lhe, o que se faz aos pôtros;
Em estes levando, os outros
Hão de embarcar d'outra vez.

*Em quanto o Mundo existir,
Ha de lembrar este mal,
De protecções á Franceza,
Deos defenda Portugal.*

G L O S A,

Em que falla hum Velha com sua Neta.

I.

G Eltrudes, lava esses pés,
Veste o vestido de cassa,
E vamos cumprir á Graça
A promessa que se fez:
Tres Sextas feiras no mez
Havemos descalças ir;
Sempre Deos me quiz ouvir!
Pôz fóra aquelles malvados,
Que hão de viver arrastados
Em quanto o Mundo existir.

II.

Rapariga, fôite peste!
 Que bando de cães damnados!
 Por castigo de peccados
 Nosso Senhor mandou este:
 Inda tu não conheceste
 Bem este estrago fatal;
 Hum mez antes do Natal,
 Entrárão nesta Cedade;
 Em quanto houver Chrestandade,
Ha de lembrar este mal.

III.

Não quero vagares teos,
 Que as tardes já não são nada;
 Vai pôr a capa encarnada,
 E os brincos de escamafêos;
 Da noite me livre Deos!
 Nós sós não têmos defeza,
 Em caza farei a reza,
 Eu quero de lá vir cêdo,
 Porque tenho muito mêdo
De protecções á Franceza.

IV.

Não sejas estabanada ,
Põe esses olhos no chão ,
N' hum auto de devoção
Deve a gente ir concertada ;
Levo esta alma consolada
De fazer promessa tal :
Isto não foi natural !
A Santa Humage he que o fez ;
Desta canalha , outra vez ,
Deos defenda Portugal.

*Em quanto tiver alentos ,
 Hêi de a Patria defender ;
 Eu tenho só hum vida ,
 Não se me dá de a perder.*

G L O S A ,

Em que falla hum Algarvio.

I.

Senhora Zabel Ignez,
 Venho agora da campanha;
 Fiz por lá muita façanha,
 Viva quem he Portuguez:
 Se encontrar algum Francêz,
 Nada mais de complementos;
 Hêi de fazer-lhe tromentos,
 Hêi de-lhe curtir a pelle,
 Hêi de pôr-me a malhar nelle
Em quanto tiver alentos.

II.

Cá hum home, se há folguedo,
He mais manso que huma ovelha;
Por mal, dá pancada velha,
Nem do Diabo tem medo:
Cada Algrave, he hum rochedo,
Nunca arrêão a qualquer;
Se acazo tornar a vêr
Esses Francezes casmurros,
Com hum vandaval de murros,
Héde a Patria defender.

III.

Minha alma vá para Deos,
Porque não se perde nada;
Mas fique a Patria salva
De Francezes farezeos:
Todos os patricios meos
Lhes derão forte corrida,
Até eu, por despedida,
Mati seis, á minha parte,
Ai! se errasse o pacamarte...
Eu tenbo só huma vida.

IV.

Vi o Algrave alivantado
 Contra esse bando pirata,
 Só se ouvia *mata, mata* :
 Eu era hum toiro enraivado ;
 O Crelego feito Soldado
 Vinha a terra difender ;
 La podião-me estender,
 Mas esta vida mortal,
 Pela Familia Real,
Não se me dá de a perder.

CONTO ALEGÓRICO.

Os Corvos, e as Cegonhas.

HUma ninhada de Corvos
 N' huma Ilha appareceo,
 Mettia nojo, por magra,
 Mas nutrio-se, e não morreo.
 Alli se forão criando,
 Té que poderão voar,
 E a mãe com cuidado nelles,
 Sempre os quiz acompanhar.

Do Corvo Pai não se sabe,
 Porque ninguém o avistou;
 Ou não era cazal certo,
 Ou seus filhos engeitou.
 Hum dos Corvos por mais vivo,
 Que humma Aguia, já morta, vio,
 Co' bico tirou-lhe as pennas,
 E com ellas se vestio.
 Queria fingir ser Aguia,
 Mas não tinha muito geito,
 Apenas pela rapina
 Conservava algum respeito.
 Os outros Corvos, que virão
 No irmão, aquella impostura,
 Forão buscar iguaes pennas,
 E fazer igual figura.
 Porém como a Natureza
 Estava alli constrangida,
 Pelo mal que se amanhavão,
 Foi a trama conhecida:
 Que as mais Aves contemplando
 Dos Corvos a mascarada,
 Tanta ousadia, e soberba
 Quizerão vêr castigada.

Aguias , Falcões , e Milhafres
 Nos impostores saltarão ,
 E as pennas proprias , e alheias
 C' os bicos lhes arrancarão.

Achavão-se quasi nus

A verter sangue , mordidos ,
 Póstos ao rigor do tempo
 Das Aves escarnecidos.

Vendo o outro *Corvo* sagaz
 Seus irmãos tão affrontados ,
 Com soberba altivez d' Aguia
 Quiz punir taes attentados.

Mas duas fortes Cegonhas ,
 Que isto virão , lhe disserão :

- » Vai-te , impostor , se não queres
- » Soffrer o que os mais soffrêrão.
- » Hum *Corvo* com pennas d' Aguia
- » Faz a triste imitação
- » Do burro , que se cobríra
- » Com a pelle d' hum Leão.
- » O corpo está bem fingido ,
- » Mas a voz , cabeça , e pernas ,
- » Nos dão bem a conhecer ,
- » Que por *Corvo* te governas.

» Quem

- » Quem quer illudir o Mundo,
- » Commette delictos graves;
- » E's o palhaço dos Córvos,
- » E's a vergonha das Aves.

Então o *Corvo* alterado,

Desta sorte respondeo:

- » Quiz roubar á Natureza
- » O que me não concedeo.
- » Seja por força, ou por arte,
- » Inda contra o natural,
- » Quero ter todo o respeito,
- » Quero ser Ave Real.
- » Eu sou *Aguia*, tenho dito;
- » Do que fui, sei-me esquecer,
- » Aves grandes, e pequenas,
- » Tudo me ha de obedecer.
- » Quero amofinar a todas,
- » Quero todas destruir,
- » Quero-me faltar de mando,
- » Em quanto puder fingir.

Huma das duas Cegonhas

Novamente lhe tornou:

- » As mais das vezes não morde
- » O cão, que muito ladrou.

- » Vai-te, perverso, falsario,
 - » Se mais palavra boquejas
 - » Talvez que d'aqui a pouco
 - » Nem mesmo inda Corvo sejas.
 - » As Aguias são respeitadas
 - » Pela sua gravidade;
 - » Hum Corvo, só de Comedia
 - » Póde ter a magestade.
 - » E de mais, se tu querias
 - » De Real fazer ensaio,
 - » Em lugar de sêres Aguia,
 - » Fingiras-te papagaio!
 - » Por esse orgulho, que mostras,
 - » Nossa razão se convence,
 - » Que ninguem deve occupar
 - » Hum grão, que lhe não pertence.
 - » Desmascáre-se o Tyranno,
 - » Ajudai-me boa Amiga,
 - » Que este Pantalão vaidoso
 - » Mesmo entre nós se castiga.
- Consta que as duas Cegonhas
 Pelas azas lhe agarrarão,
 E atravessando-as no bico,
 Pelos ares o levárão:

Que depois de estar moido,
 E d' azas desconjuntado,
 O largarão lá das nuvens
 Para ser precipitado.

O vento levou-lhe as pennas,
 Com que aos mais fazia guerra,
 E subindo ao ar em Aguia,
 Em Corvo cahio na terra.

Ficou á irrisão de todos,
 Tudo d'elle escarneceo,
 E envergonhado, e despido
 Pelas brenhas se escondeo.

Assim succede ao soberbo,
 Que arroga cargo eminente;
 Quando a máscara lhe cahe,
 Fica a Fabula da gente.

Leitor, o caso do *Corvo*
 Bem neste tempo se applica,
 Mudemos-lhe o *V* em *S*
 E veremos o que fica.

*Mandamentos que guardão os Francezes,
Christãos por alcunha.*

*Os Mandamentos do Diabo Francez,
são dez.*

- O Primeiro.** **H**E negar a Deos, manchar os seus Altares, e insultar o seu Culto.
- O Segundo.** He jurar com mentirá, para illudir os Póvos, e fazer promessas em vão.
- O Terceiro.** Espingardear innocentes aos Domingos, e Festas de guarda.
- O Quarto.** Deixar Pai, e Mãi, para vir no Reino alheio deshonnar os outros, e honrar-se a si
- O Quinto.** Matar Frades, e Clerigos.
- O Sexto.** Violentar a castidade das Freiras.
- O Setimo.** Saquear as Povoações por onde passão.
- O Oitavo.** Levantar falsos testemunhos ás mais Nações, para as malquistar em Gazetas artificiosas.

O Nono. Desejar, e forçar as filhas, e a mulher do seu proximo.

O Decimo. Cubiçar quanto ouro, e prata ha pelo Universo.

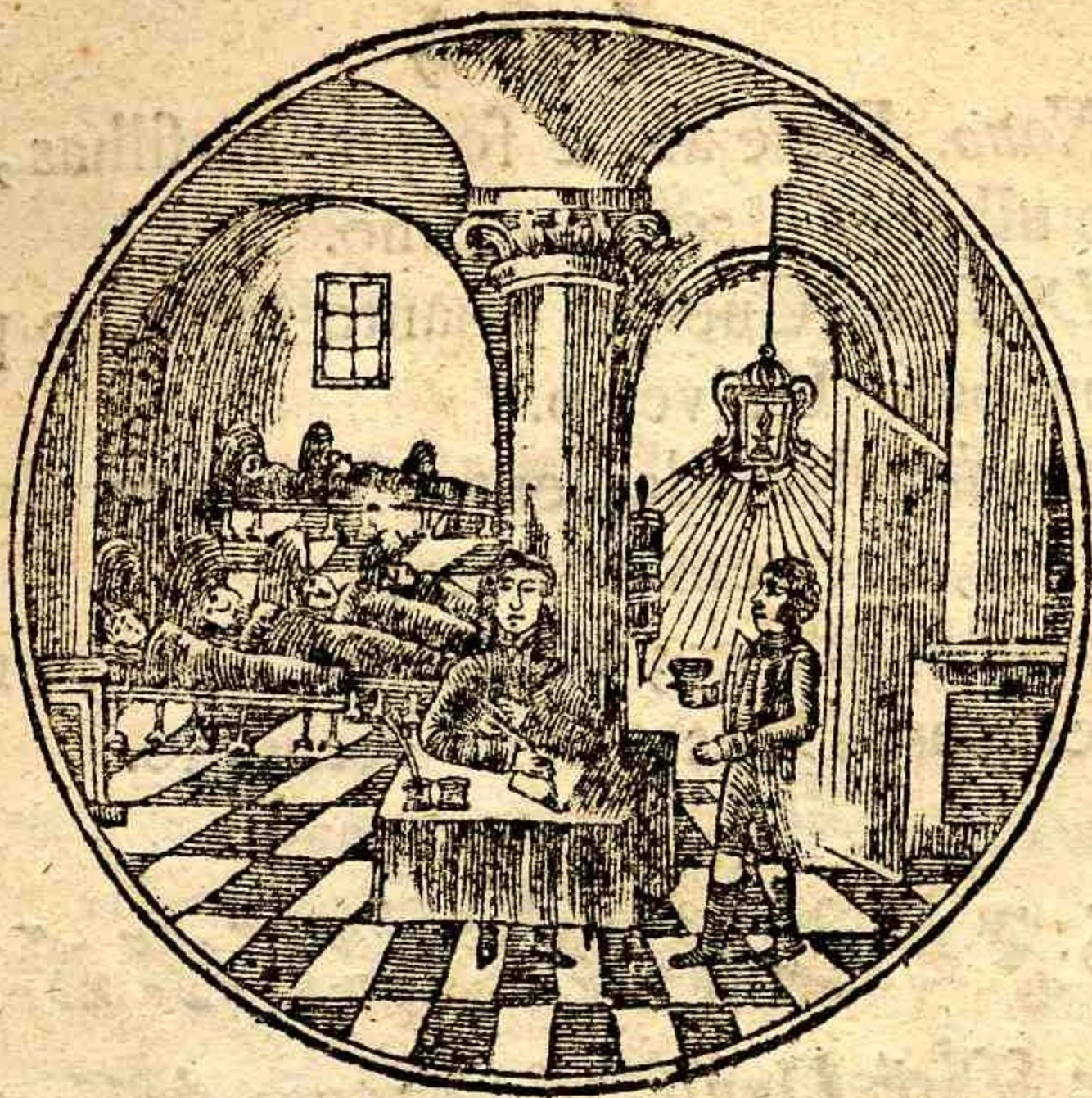
Estes dez Mandamentos se encerrão em dois, convém a saber:

Amar banquetes, e bailes; e viver, e morrer sem Deos, nem Religião.



De José Daniel Rodrigues da Costa.

Vende-se esta Segunda, e a Primeira Parte da Protecção á Franceza, na Loja da Gazeta: na do Madre de Deos ao Rocio: na do Livreiro Antonio Pedro, na Rua do Curo: na de Paulo José de Oliveira, aos Martyres: na de Luiz José de Carvalho aos Paulistas: na de Francisco Luiz em Alcantra; e em Belém na Loja de Capella de José Tiburcio. Igualmente se achão no Porto no Livreiro Apollinario Antonio de Moura. E em Estremoz, e Portalegre.



Aos Doidos apaixonados
Da víl Franceza canalha,
Logo Enfermeiro com elles,
Zorrague, e cama de palha.

Se houverem Meninas,
Co' a mesma loucura,
Os Pais, ou Maridos
Lhes fação a cura.

LISBOA. M. D. CCCVIII.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.